

RESSACA LITERÁRIA

ANO 5, Nº 9. JUNHO, 2021

revista de poesia, prosa et cetera



EDIÇÕES ANTERIORES





Para Início de **CONVERSA**

Aqui estamos com a 9ª edição da Ressaca Literária. Mais de quatro anos de leituras e de resistência, marcados pela constante participação acadêmica e pela criatividade de todos os colaboradores. A Revista foi idealizada por acadêmicos que ao adentrarem no curso de Letras em 2017, sentiram a necessidade de um veículo que lhes permitisse estabelecer contato entre suas produções e o público. A Revista mostra-se como meio de demonstração daquilo que se aprende teoricamente no curso, como ainda de realização prática dos conteúdos aprendidos.

Iniciando com a Ressaca de Leitura, momento em que algum autor ou obra são exibidos ao leitor sob um olhar crítico, desta vez, Ressaca Literária mostra a preocupação antropológica com a lacuna dos antigos que nos deixaram vitimados pela pandemia. A Revista traz ainda os trabalhos iniciais de prosa e poesia dos acadêmicos, que têm, neste espaço a oportunidade de expor suas criações engavetadas. A Revista de número 9 simboliza o fechamento de um ciclo de experiências e o avanço rumo à maturidade, surge a prosa de Ilcemara Regina, de Marcos Paulo Cerutti e de Victoria Regina. Leremos ainda as produções poéticas de Alaeny Pires, Jeremias Silva, João Vítor Soares, Luis Fernando Macedo, Mateus Nunes e Odair de Carvalho.

Já na coluna de Teoria Literária, nossos leitores irão familiarizar-se com a obra poética de Solano Trindade, um poeta singular na defesa da dignidade do negro em seus escritos humanos. O poeta, pouco conhecido de nossos acadêmicos é apresentado pela professora Maria Wellitania. No Espaço Acadêmico Autobiográfico trata-se da vida e trajetória de um professor do curso de Letras da nossa instituição. Neste número, a personalidade acadêmica em destaque é a professora da UNIRG, Francisca Edivania Gadelha Dias, professora de Libras desta universidade. A coluna Entrevista é onde a comunidade tem conhecimento de uma personalidade da Academia

de Letras de Gurupi, parceira de nossa instituição, nela será apresentada um pouco da trajetória do acadêmico Pe. Eldinei Carneiro, membro titular da cadeira 33 da AGL. A coluna Literatura Tocantinense diz respeito especificamente a alguma obra produzida de teor regional. Este número traz em evidência a obra Reflexões Poéticas de Adônis Delano. Na coluna Produção Acadêmica toma-se conhecimento de trabalhos produzidos pelos acadêmicos a respeito de obras e autores de nossa e de outras literaturas. Aqui encontramos as produções de Crítica Literária de nosso egresso Lucas Santos, agora mestrando da Unicamp, a respeito das obras Dom Quixote e O Alienista. Lê-se ainda a análise do professor Felipe Neves sobre telas de Rembrandt.

Na coluna “Outras Artes” ocorre o diálogo entre Literatura e outras expressões artísticas, sempre procurando o intercâmbio entre as variadas formas de expressão atuais. Neste número, a história cultural da colheita do capim dourado. Encerrando, a coluna Curiosidades Literárias, o leitor terá conhecimento de aspectos da vida e da obra de autores atuais ou não de nossa ou de outras Literaturas.

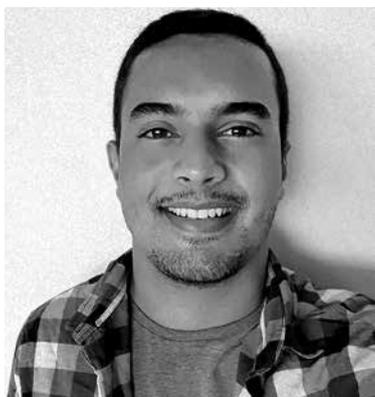
Enfim, num processo de permanente diálogo através das múltiplas linguagens, a Revista vai desenvolvendo sua história de contribuição literária com a comunidade, despontando e valorizando os talentos acadêmicos através da expressão artística e da linguagem conforme anunciado pelas exigências da graduação em Letras. Vale lembrar que neste número, os artigos procuram trazer ao público a memória do fazer literário como caminho para a construção identitária de nossa comunidade, para que o humano não seja desprezado e a liberdade de expressão continue sendo um processo constantemente em construção dentro da linguagem e da existência de cada indivíduo.

Wellitania Oliveira

Nossa capa



NOSSA CAPA: Luiz Fernando Macedo de Araújo
Título: Sobre o toque das ondas
Dimensão: 0,40 x 0,30 m
Técnica: Acrílico sobre tela



Luiz Fernando Macedo Araújo é artista plástico, desenhista e acadêmico do 4º período do Curso de Letras da Universidade de Gurupi (UNIRG). Desde criança foi incentivado pela mãe a expressar seus sentimentos por meio da arte. Começou com desenhos simples e, aos poucos, foi aperfeiçoando sua pintura. Hoje Luiz pinta telas com a sensibilidade de quem faz poesia, põe na composição das tintas a mesma suavidade com que toca a tela com os pinceis. Luiz diz ser apaixonado por desenhos e pinturas e busca sempre melhorar a sua técnica.

Nossa equipe



PREFIXO EDITORIAL: 922619
NÚMERO ISBN: 978-65-00-20434-6
TÍTULO: Ressaca Literária Nº 09
TIPO DE SUPORTE: papel
VEICULAÇÃO: Físico

PRODUÇÃO: Curso de Letras - UnirG
DIREÇÃO: Maria Wellitania Oliveira

UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG

Presidente:

Thiago Piñero Miranda

Diretor Administrativo Financeiro

Oximano Pereira Jorge

Reitora:

Dr^a. Sara Falcão de Sousa

Vice-Reitor:

Prof. Me. Jeann Bruno Ferreira da Silva

Pró-reitor de Graduação e Extensão:

Prof^o. Dra. Rise Consolação Iuata Costa Rank

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Dr. Fábio Pegoraro

Coordenadora do Curso de Letras:

Prof^o. Ma. Maria Wellitania de Oliveira

Coordenadora de Estágio:

Prof^o. Ma. Lucivânia Carvalho Barcelo

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Victória Reginna Soares Cavalcante

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Ana Marina Silva Mariano

Brunno de Sousa e Silva

Domingas Santana dos Reis

Fabiano Donato Leite

Felipe Oliveira Neves

Ilcemara Regina lensen Farençena

Isabelle Alves Neves

Jeremias Silva Pereira

Louygrime Soares dos Reis

Milena Castro Milhomem

DIAGRAMAÇÃO:

Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO:

Wellitania Oliveira

CORREÇÃO:

Ilcemara Regina lensen Farençena

IMPRESSÃO:

Gráfica Modello

TIRAGEM:

100 exemplares

CONTATO:

ressacaliteraria2017@gmail.com

WHATSAPP:
(63) 98427-7656 / 98401-6722

Rua F, quadra 30, lote 14 nº 90,

Gurupi – TO – 77405-330

SUMÁRIO

PARA INÍCIO DE CONVERSA	05
RESSACA DE LEITURA	06
NO CAMINHO DA PROSA	09
ONDAS DE POESIA	16
TEORIA LITERÁRIA	23
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	27
ENTREVISTA	30
MARULHOS LITERÁRIOS	34
LITERATURA TOCANTINENSE	35
PRODUÇÃO ACADÊMICA	37
OUTRAS ARTES	46
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	50

RESSACA DE LEITURA

A LACUNA DOS ANTIGOS

Por Fabiano Donato Leite



Estamos em tempos sombrios de muitas perdas humanas e com elas as irreparáveis perdas culturais. Dói muito saber que a cada ancião que se vai correspondem páginas de memórias de nossa gente, histórias inconclusas ou interrompidas bruscamente pela brutalidade do distanciamento mesmo anterior à pandemia de covid 19.

Para cada ser humano que se despede daqui no entardecer da vida, com ele vai-se embora uma enorme experiência de vida por ser comunicada. E aqui vale comentar ainda que grande quantidade de sabedoria perde-se com a passagem de centenas de anciãos indígenas vitimados pela pandemia. A morte de um antigo representante da cultura indígena abre lacunas impreenchíveis para a história de um povo inteiro.

Perdem a cultura e a vida. Perde a História. Perde a Literatura. Perde a Ciência.

Estamos vivendo, ou sobrevivendo aos dias amargos do desmoronamento cultural de gerações preparadas com o árduo esforço de longos anos. Estamos preocupados com a construção precipitada de uma civilização imediatista sedimentada em tecnologia e pouquíssimo ou nenhum respeito humano. Isto coloca em risco a existência dos valores

humanos primordiais como a solidariedade, o altruísmo, o senso de coletividade, as amizades desapegadas de lucro e o respeito pela memória dos antepassados. Em contrapartida, estamos colhendo as flores voláteis do agora, a ansiedade diante de nossas frustrações por quisermos ver amadurecidos os frutos que demandam tempo, carinho e paciência das estações. A paciência embutida na sabedoria daqueles que viveram mais talvez seja a mais dolorosa das perdas que haveremos de contabilizar no saldo de tantas mortes após passar esta terrível pandemia.

Para quem lida com Literatura, com Imaginário, com Vidas Humanas todos importam. Diria até que tudo importa. Importam as horas alegres porque a alegria é dialética, a alegria nos permite enxergar o amanhã. Importa também a tristeza, porque dela teremos que criar mecanismos para superá-la. Para quem lida com o vasto campo da imaginação humana e dela extrai matéria para suas obras ficcionais, cada experiência de vida que se apaga sem deixar registro nas páginas, quanto prejuízo!

Cabe ao escritor, como ao antropólogo realizarem a preciosa tarefa de resgatarmos tais valores com os anciãos e com os pioneiros de quaisquer sociedades, visando ao registro



destas histórias e conjunto de valores antigos, pois tais preciosidades em muito contribuem para o conhecimento do modo de vida de uma sociedade e continuam sendo imprescindíveis para a sobrevivência e manutenção espontânea da identidade cultural da comunidade em questão.

Aqui a nossa cultura deve penitenciar-se perante aos mais antigos. O que somos ou chegaremos um dia a ser muito deve aos duros esforços daqueles que nos antecederam. Realizar o registro de suas tradições, trazer para as páginas das Artes e da História a riqueza de seus legados culturais como lendas, crenças, superstições, relatos de fatos históricos e velhos modos de ser e fazer ainda continua sendo a tarefa mais urgente dos homens de cultura de nosso tempo.

Não podemos esperar passivamente para ver o desaparecimento de nossos pajés, nossos avós, nossas benzedeiças e rezadeiras, nossas contadoras de causos, nossas raízes descendo à terra, para lamentarmos o quanto ficamos sozinhos e órfãos do vazio cultural. Devemos

fazer como nos recomenda Geertz(1989, p.39) a respeito do prosador e do antropólogo:

“Curvado sobre seus próprios fragmentos, pedras e plantas comuns, o antropólogo também medita sobre o verdadeiro e o insignificante, nele vislumbrando (ou pelo menos é o que pensa), fugaz e inseguramente sua própria imagem desconcertante, mutável.”

Estamos em tempos sombrios, mas as sombras passam, os tempos mudam. O que não podemos deixar acontecer é o esquecimento e a indiferença fazerem tábula rasa da memória dos nossos antecessores. Cuidadosamente, escritores e antropólogos, debrucemo-nos sobre a memória dos nossos pais, resgatemos suas experiências de vida cuja ressonância ainda está presente em nossa vida, assim manteremos saudáveis as raízes e significativas as nossas trajetórias. As lendas e histórias estão aí à espera de quem as traga para as páginas dos livros. A tarefa é árdua. “Longa é a Arte, breve é a vida.” Mas é da vida que nos enamoramos sempre, nós os poetas e os antropólogos.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Tradução de Gilberto Velho. Rio de Janeiro, LTC, 1989. Título original: The impact of the concept of Culture on the concept of man.

LEITE, Fabiano Donato – Professor. Atuou como professor de Literatura do curso de Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

NO CAMINHO DA PROSA



MARTIM

Por Victória Reginna Soares Cavalcante

- Já ouviu o cantar dos pássaros hoje?

- Ainda não, por quê?

- Escute... aproveite e sinta o vento bater em sua pele, enrolar em seus cabelos, levando ar a seu pulmão. Está maravilhoso!

Então Elizabeth olhou para o lado, sem entender bem o que estava acontecendo, mas tentou fazer o que seu irmão falou. Martim então suavemente virou-se e olhou para sua irmã, havia algo diferente nele, estava leve, calmo, uma paz contagiante, diferente das últimas vezes que o viu, onde ele estava sempre aflito, angustiado, transbordando ansiedade e confusão, então ele pegou a mão de sua irmã e acariciando falou:

- Você veio antes da hora, meu amor, porque chegou tão cedo?

-Martim, estava com saudades, só visitá-lo por breves momentos não aliviava mais minh'alma, então decidi ficar aqui, para sempre. Enfim, após sua partida algumas coisas mudaram, pessoas se foram, não queria mais ficar sozinha. Sabe os dias perderam a cor, ando, mas não vejo uma direção.

-Beth, minha querida, o que de fato mudou? Além do seu cabelo, que está grande e com mechas rosa. Gostei, combinou com você!

-Martim depois do que você fez, não esperava que tudo ficasse como antes, né? Papai se foi, nossos amigos se foram, alguns dizem que é difícil olhar para mim, pois sempre se lembram de você. Posso te perguntar algo?

- Sinto muito pela bagunça, minha querida, achei que seria a melhor escolha! Mas pergunte.

-Porque você se foi? Daquela maneira, sabia que veríamos aquilo, era uma forma de nos punirmos? Não entendo, mamãe te ama tanto!

-Não queria puni-los, queria libertar-me, nunca achei um lugar que me coubesse ali, era sempre um estranho no meio de pessoas hipócritas.

-Mas, e você veio antes da hora, por quê?

- Estava com saudades, já falei!

A caminhada seria grande ao encontro da verdadeira paz, havia tanto para aprender até poder ficar com seu irmão. Martim conhecia bem a trajetória, era árdua, aos que tiram sua vida, mas antes, encontrar-se é prioridade ali.

Martim levantou-se, logo em seguida pegou a mão de sua irmã e a puxou, então foram andando e conversando, estavam indo rumo a portões enormes, havia muitas pessoas ali, algumas acompanhadas, outras sozinhas, cada uma com marcas diferentes, mostrando suas verdadeiras dores.

-Te deixo aqui Beth, em breve nos encontraremos.

-Por que estou aqui? E que tantas pessoas são essas?

-São pessoas como você e eu. Pessoas que adiantaram sua partida, cada um com uma história única, você não está só, meu amor. Assim que estiver pronta nos encontraremos e faremos algumas aventuras.

Então Elizabeth seguiu até os portões, adentrou, escolheu uma cadeira e sentou, ao seu lado havia uma garota de longos cabelos escuros, calça jeans rasgado, um velho *all star* e blusa jeans clara, tinha algo nela que a chamou atenção, que a encantou.

Sem delongas começou uma palestra, tinha um ar de dúvidas, não fazia muito sentido aquilo, porque assistir uma palestra depois que já havia morrido. Mas decidiu prestar atenção, logo entendeu o motivo daquilo tudo e as falas de seu irmão, entendeu que deveria se perdoar e encontrar-se antes de sair dali, mas não sabia como fazer aquilo.



Semanas iam e vinham e Elizabeth sempre fazia algo de diferente, conversava com diversas pessoas, algumas tinham histórias parecidas com a dela, outras eram o oposto, mas nada fazia sentido, ela não gostava de nada ali e não sentia nenhuma afinidade com os outros, muita das vezes nem sequer escutava o que falavam para ela.

Contudo, todas as manhãs ela ia ao lugar onde algumas pessoas se reuniam para desenhar ou pintar, e ficava horas sentada em um banco, tomando seu chá, prestando atenção minuciosamente em uma única pessoa, apesar de fazer isso todos os dias, nunca teve coragem de falar um oi, tampouco de chegar perto, até pensou em fazer isso algumas vezes, mas sempre tinha a sensação que iria vomitar ou desmaiar, então deixava para lá e continuava a observar de longe, parecia mais seguro. Entretanto, em uma dessas manhãs, pegou dois chás e chegou perto, sem falar nada entregou a Ana, logo virou e foi sentar em seu banco, como de costume.

Ana era a moça do jeans rasgado e o all star velho, Elizabeth não percebeu que estava gostando dela, mesmo sem nunca terem conversado.

Alguns dias depois, Ana chegou por trás de Elizabeth, tocou-a nas costas e quando Beth virou, Ana se apresentou. Beth ficou nervosa, não estava entendendo, mesmo assim, Ana ficou ali conversando com ela. Ana sempre ia até Beth no banco e ficava ali, algumas vezes sem trocarem uma palavra. Então dias passaram e Ana já sabia muito da vida de Beth, mas ela nunca falava dela mesmo, nem mesmo quando Beth perguntava algo, tampouco falava o que significavam as cicatrizes em seus pulsos.

Em uma dessas conversas, algumas coisas foram “colocadas na mesa”. E Elizabeth perguntou:

-Ana, você sabe que gosto de você? Certo?

-Certo, Beth.

-Me diz, por que está aqui, e dessa vez diga de verdade sem desculpas, por favor.

-Ok. Estou aqui pelo mesmo motivo que você, não literalmente, mas digo, pela mesma atitude que a sua, você sempre me questiona o que significam essas cicatrizes em meus braços, enfim, foi assim que vim parar aqui, por descuido, um dos cortes saiu mais fundo do que eu esperava.

Por um breve momento, houve um silêncio ensurdecedor. Então Elizabeth fez outra pergunta:

- Entendi, posso te pedir algo?

-Claro

-Posso te beijar?

Ana não respondeu, apenas chegou perto de Beth acariciou seu rosto e a beijou, por pouco tempo, sentiu o real significado de amor e uma paz transcender sua alma, quando abriu os olhos, alguma coisa havia mudado, já não estavam no mesmo lugar, Martim estava ali, e o pai de Ana também estava.

Logo os quatro partiram em uma aventura, como Martim havia prometido a sua irmã.

Elizabeth encontrou-se quando percebeu que amava Ana.

PALAVRA HOMEM

Por Marcos Paulo Gonçalves Cerutti



Vagando pelo vazio sem tempo ou forma, na escuridão silenciosa além dos horizontes, Yamandu assolado pela incessante solidão, olhou para dentro de si e, vislumbrando uma vastidão sem fim de luzes exuberantes e formas colossais, cores frias e quentes e canções harmônicas, planetas planos e esféricos e via lácteas belíssimas. Fascinado por sua grandiosidade e consumido pelo desejo de apreciar sua grande majestuosidade, criou de sua própria espinha um maracá e o chacoalhou, assim aflorou o primeiro som que, orquestrou com as sinfonias que emanava do interior de Yamandu, que rasgavam a relutante escuridão, abrindo passagem para a imensidão, rompendo em uma explosão de cores e luzes.

O cântico calmo e vivente harmonizou as constelações e via lácteas, orbitava os planetas e dava a vida às estrelas, que brilhavam em total júbilo. Assumindo a forma de uma coruja preta com pintas cintilantes, Yamandu voou por mil milênios entre as constelações. Triste por não encontrar seres vivos, e de seu coração fez nascer Tupã, que o ordenou a dar vida a sua criação.

A grande coruja celeste alçou voo rumo ao desconhecido. Onde até hoje plana sobre buracos- negros e supernovas.

Tupã de sua própria essência criou quatro sementes de castanheiras e as plantou em um mar de rochas dançantes e tocou uma longa e delicada flauta feita das estrelas. A melodia exuberante fez as sementes germinarem e crescerem gigantescas castanheiras que, enraizaram entre as colossais pedras, fazendo-as unir-se, formando uma vasta e descomunal superfície irregular.

Assim a terra ficou por longos dias, triste e escura. Não podendo haver nem os pensamentos e o piscar dos olhos.

Então, Tupã fez nascer uma colossal montanha, com gumes altos e fortificados com ouro. No topo mais alto de todos, pôs seu coração fulgor no pináculo, forjou-o com ouro e estrelas radiantes, estas pescou do mar de amanhã, onde absorveu todo o mineral dourado e o brilho das estrelas, esboçando uma esfera de luz e calor, emanando luz e vitalidade aos confins da terra, deu o nome de Kûara.

De Kûara emergia grandes rios dourados cintilantes, que transcorreram pela montanha e fluíram por toda a superfície pedregosa, nutrindo-a e firmando-a.

Das profundezas dos gigantescos rios dourados, nasceram, colossais dragões feitos de pedra e ouro, que expeliam chamas áureas e prateadas. Abriam suas asas maiores

que montanhas, que refletiam as luzes de Kûara. Ao alçarem voo, tornados e tempestades catastróficas emergiram dos bateres de suas asas, fazendo que as águas de uma coloração dourado incandescente que caíam das nuvens douradas, transbordassem por toda a terra seca e sem vida, formando uma terra firme e fértil.

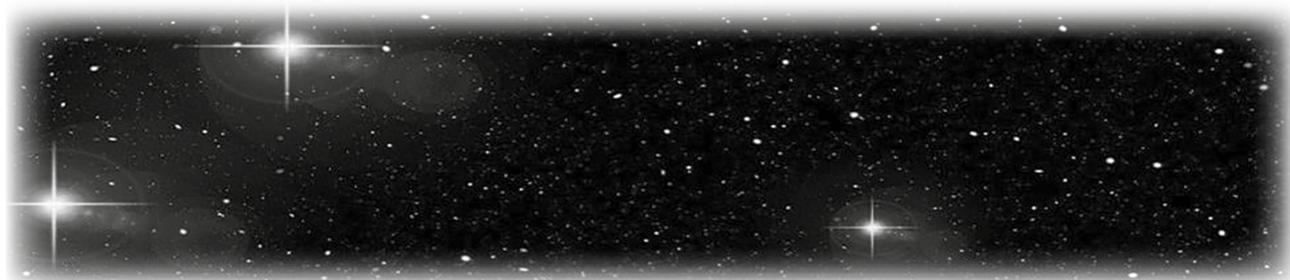
Com suas chamas de vida, os dragões, expeliam fogo por toda a terra por centenas de anos, fazendo nascer árvores e plantas de cascas e folhas áureas, de frutos doces e de propriedades mágicas, e elas absorveram as setas douradas e árduas que Kûara expeliam sobre suas folhas, nascendo um mar de luzes douradas dançantes sobre suas copas.

Tupã maravilhado com a belezura das majestosas árvores douradas, forjou um punhal do metal de estrelas, e fez um corte no tronco dourado de uma castanheira da vida no topo de uma montanha, onde as folhas tocavam as constelações e os galhos jaziam formas da natureza, que esperavam para serem escritas e criarem vida.

Os dragões vieram do fim do mundo, sopraram fogo de vida sobre a castanheira, que se encandeceu e crepitou-se, e da seiva celeste e dourada, que escorreu pelo ferimento no tronco, Araci nasceu, mulher de terra e ouro, deusa de sangue e seiva, ser de ossos e carne, divindade humana e eterna, forma de água e fogo.

Araci, ao vislumbrar a forma de Tupã, fez ecoar um amor em suas veias, fazendo-a pensante e articulada, e os pensamentos viveram em sua cabeça e os sentimentos em seu coração, e neste a solidão cresceu e alimentou-se da sua alma. Tupã, vendo sua amada desvairando-se novamente para a inexistência, voltou à castanheira da vida e a observou, debruçou-se com as formas empoeiradas nos galhos, à espera da escrita da vida, então, Tupã misturou seu sangue com a seiva dourada e escreveu runas antigas e inaudíveis na casca dourada da árvore, onde nasceu o primeiro homem cor de barro e de cabelos longos e pretos como carvão.

Araci, encantada pela criação de seu amado, ajudou-o a escrever a vida na árvore, e nasceu a primeira mulher cor de barro e de cabelos pretos como carvão, e esta encontrou com o da sua espécie, que desceram a montanha e foram habitar na floresta, onde escreviam nos trocos e davam vida às mais diversas criaturas, de formas e cores deslumbrantes, e povoaram a terra com aromas e sabores, animais e plantas, rios e cascatas. Depois de ter escrito tudo que possuía vida, e dar vida aos seus filhos, e verem seus netos e bisnetos. O primeiro homem e mulher voaram nas costas dos dragões e foram morar para além das estrelas...



MIGALHAS

Por Ilcemara Regina Iensen Farencena



Quando penso que ele guarda todos os meus segredos, minhas angústias mais profundas e ainda, minhas aflições mais íntimas, vejo que ele é importante não só porque posso guardar, com segurança, aquilo que precisa ser guardado a sete chaves, mas é nele que deposito todas minhas entranhas, sem pensar que um dia serei traída. Tudo nasceu com o tempo, foi se moldando, e parece que hoje tenho tanta certeza de que posso, a qualquer hora, desabafar, contar tudo para ele, sem medo de me expor, que acabo passando dos limites. A minha conexão com ele é tanta que ele percebe minha aflição, não só percebe, mas sente. E mesmo sem falar, nenhuma palavra, sem usar nenhum código para poder dizer algo, ele me acalma, apazigua o coração, tão lastimado e espedaçado pela brutalidade humana.

Tenho refletido muito ultimamente, ele está numa fase que requer cuidados, não exige, mas sei que deveria dar mais pelo tanto que ele me proporciona. Sei também que nossa relação não é normal, não pode ser, afinal, apostar tudo, sem o menor ressentimento, é arriscado, e mais, dar sem pedir algo em troca. Mas voltando à condição dele, sei que está com os dias contados, sei que o terei por pouco tempo, por isso o remorso, o sentimento de ter que fazer algo enquanto há tempo. E esse é o grande impasse, porque não fazer enquanto há tempo! Simplesmente, porque deixamos tudo para o último instante, mas sei que, em muitos casos, não haverá a oportunidade de dizer ou fazer algo. Pensando nessa questão, me veio à lembrança algo que até hoje não entendo, não compreendo, não consigo transcrever o que realmente me impulsionou a fazer, ou melhor, a dizer, foi quando meu pai ainda estava vivo e em fase terminal, fui visitá-lo, sabia que seria a última vez que iria vê-lo, mas nunca pensei que teria coragem para tanto. Às vezes, penso que não estava normal, porque fiz algo que não condiz com o meu ser. Naquele momento não me reconheci, mas entendi, depois, que talvez tenha sido uma das melhores coisas que fiz: pedir perdão e perdô-lo. Aquele momento foi único, e hoje fico me perguntando se eu não tivesse pedido perdão e principalmente perdoado, como eu estaria. Essa lembrança de algo que me marcou tanto faz eu voltar à realidade e pensar se não sou egoísta ao extremo, já que ele me oferece tanto, por que dou migalhas? E talvez quando eu resolver dar-lhe o que realmente merece, seja tarde. Mas sei, ou melhor, sabemos, que muitos se contentam com migalhas, porque para alguns basta, é o suficiente.

Muitos aceitam o pouco, ou quase nada. Ele aceita o que ofereço, sem questionar, sempre pronto para receber aquilo que dou, muitas vezes, sei que me aproveito dessa falta de reação,

mas sei que a inação é uma forma de reação. Fico pensando se algum dia ele poderá mudar a forma de agir, talvez não, já é tarde demais para mudança. Isso é o que passa na minha cabeça, não sei o que passa na dele. Engraçado ou estranho? Ele sabe tudo sobre mim, mas eu não sei nada sobre ele. Na verdade, nunca quis saber, nunca busquei saber. Essa é a zona de conforto que muitos de nós vivemos e preferimos não sair dela, porque para sair é necessário tomar decisões, atitudes que podem exigir algo que não estamos preparados para encarar. E tudo que ele faz hoje é me ouvir, escutar, sem questionar, e por isso esse apego, essa conexão tão forte, tão silenciosa, que me aprisiona e faz eu sentir tanto medo de um dia perder, perder o que jamais terei: o silêncio, sem nada em troca, o segredo, sem a ameaça de deixar de ser, tudo isso, sem pedir, sem cobrar, apenas dou migalhas que se tornam inexoráveis à manutenção daquilo que pra mim é vital.

VENHA VER O PÔR DO SOL



Venha ver o pôr do sol é o conto que dá nome a antologia, contendo oito contos de Lygia Fagundes Telles, publicada pela primeira vez em 1988, pela editora Ática, e que vem sendo reeditado até os dias de hoje.

O enredo dessa narrativa apresenta-nos a história do encontro entre os ex-namorados Ricardo e Raquel. Ele, inconformado com a separação entre ambos e por não aceitar a ideia de Raquel estar namorando outro homem, convida-a para um último passeio a dois e, após muita insistência, vê seu convite aceito. No entanto, o lugar escolhido por ele é pouco comum: um cemitério abandonado, espaço onde ele diz ter familiares enterrados e de onde seria possível ver o pôr do sol mais lindo do mundo, segundo suas palavras. Assim, persuadida por seu ex-namorado, Raquel, apesar de lhe parecer estranho, encontrar-se naquele lugar, acaba concordando com esse passeio, que será o último para ela, já que Ricardo a trancará na tumba de sua suposta família, vingando-se, assim, de sua ex-namorada.

Em um panorama geral sobre o conto é possível notar que existe toda uma aura de mistério. A riqueza de detalhes reforça os aspectos sombrios do ambiente e aumenta as expectativas sobre o desfecho da história. O fim do conto, mesmo que em certos momentos previsto devido às denúncias psicológicas e físicas das personagens, consegue ser para além de nossas previsões e, assim, surpreendente.

Lygia Fagundes Telles, nessa narrativa, apresenta um exímio trabalho com a linguagem ao construir um espaço ficcional plurissignificativo.

Venha ver o pôr do sol é uma excelente leitura para quem gosta de literatura fantástica.

— **Lygia Fagundes Telles** nasceu em São Paulo no dia 19 de abril de 1923. Apaixonada pela literatura, Telles começou a escrever aos 15 anos. Em 1954, lançou um de seus grandes livros (Ciranda de Pedra). Desde então manteve intensa atividade literária. Foi eleita imortal (Cadeira nº 16) da Academia Brasileira de Letras em 1985. Dentre os vários prêmios que ganhou, a autora recebeu o Prêmio Camões (2005), prêmio mais importante da literatura de língua portuguesa. Em 2016, foi indicada para o Prêmio Nobel de Literatura.



Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

ONDAS DE POESIA

CONTINUE

Alaenny Pires

É o sol da manhã que me faz poeta
É o outro dia que me dá recomeços.
É a força que me recompensa com oportunidades
É o meu caminhar que justifica meus triunfos
É a persistência que molda minha autoconfiança.
Minhas lágrimas são como o orvalho da noite, mesmo erguendo meu brio,
Logo após um dia longo, me apoio na queda.
É preciso entender tudo o que te convém, ignorar o pessimismo e usar como
resiliência a guerra que lhe tomou sorrisos e reciprocidade.

EU SOU A LÍNGUA

Jeremias Silva Pereira

Eu sou a língua
Não sou a inglesa
Nem tampouco a francesa
Mas vou expressar minha grandeza

Minha beleza gira em torno do sol
Como um girassol
É como água fervente e ardente
Com gosto de aguardente

Eu sou a fala e a poesia
Sou a rima e a melodia
Às vezes eu me canso e acentuo
Porque sou baba e babá, sou coco e cocô
até camelo e camelô

Sou leal e às vezes desleal
Sou justo e às x injusto
Às vezes eu mudo, logo fico mudo
Nos encontros e nos desencontros eu me reencontro

Sou objeto e perfeito
Sou sujeito e direito
Sou prefixo e sufixo
Sou simplesmente isso, realismo,
subjetivismo, idealismo

Na natureza sou a alteza
Sou a beleza e clareza
Eu sou a princesa
Eu sou a língua portuguesa

PODE VIR JÚLIO CÉSAR

Aurea Sampaio

Oxe que tô que não me aguento,
Com o coração batendo em harmonia,
Felicidade como essa,
Nem imaginei um dia,
Que a chegada de meu Neto,
Me trouxesse tanta alegria.

Pode vir Júlio César,
Pode vir que nossa família te espera,
Vem brilhar nos corações,
O nascer de uma nova era.

Vem Júlio César
Que a tua hora é essa,
Quero logo ouvir seu choro,
Venha logo, pois vovó
está com pressa!

HAIKUS

Bruno Sousa e Silva

I

as folhas sopradas
pelo vento carregam
lembranças de outrora

II

de súbito achei
no lago da consciência
sapos coaxando.

III

corvos espreitam
da costa plutoniana
corações incautos.

TEMPO, UM CONCEITO DE VÁRIAS FACES

João Vitor Soares da Costa

O que vale mais?
O tempo que se tem
Ou o tempo que se tem para ter?

Para muitos,
Quem se casa com 60 anos, não aproveita
o amor
Para muitos,
Quem se casa com 60 anos, e vive até os
90,
Tem o tempo e amor, como aliados para
vivê-los.

Para muitos
Iniciar uma carreira com 21 anos é o ideal
Para muitos
Iniciar uma carreira com 21 anos,
Mas ter apenas até os 25 como tempo a
ser vivido, torna-o insuficiente.

O tempo é um aliado
Quando usado para medir o tempo que se
tem a ter
E não tempo que teve.



JANELA

Wellitania Oliveira

Janela que abre
para o tempo
para o vento
para o céu
para o sol
para a chuva
Janela que abre
para entrar a liberdade.





FAZENDO O MEU EU

Milena Castro Milhomem

Você está crescendo
E eu mal estou vendo
E nesse desenvolver
De incertezas e...
Quase certezas
Os moldes vão se firmando

Eu pensando que estou
Te desenvolvendo
Mas é você que fez
E vem fazendo
O meu eu

INSTANTE

Odair de Carvalho Rodrigues Araujo

Foi um pequeno momento de toque
Uns dez minutos talvez
Pequenas pontinhas se encostavam
E que às vezes faziam delicados
movimentos
Para muitos, não poderia ser nada
Mas para meu coração, apesar de

capricorniano ser
Foi um turbilhão de pensamentos
O indescritível que se compara às
borboletas
Frio na barriga
Que apesar do frio, nunca me senti tão
aquecido.



PÁSSARO E NEVE

Matheus Nunes de Abreu

Enquanto a chuva caí nas nossas cabeças,
 Você se afasta para onde os pássaros vão
 No inverno.
 Mas diferente dos pássaros,
 Você não voltará para os meus braços.

Lá onde os pássaros vivem no inverno,
 É onde eu nunca vou estar,
 Pois o inverno me fortalecerá!

Não sei quanto tempo já se passou,
 Pois a chuva cessou, e a neve virou.
 As malditas horas tornaram-se dias não
 vividos,
 E semanas se foram em preciosos dias.

A neve já está cobrindo minhas pernas,
 Mas não culpo você,
 Culpo a mim mesmo!

Você foi e não voltará mais!

Os pássaros são livres assim como você,
 Não seria prendendo seu corpo,
 Que teria a sua alma.
 Diferente dos pássaros que mentem
 descaradamente para si mesmo, para
 continuar cantando em suas gaiolas.

Agora, estamos no verão...
 Os pássaros cantam como nunca.
 Será que eu serei o mesmo de antes,
 De antes de você.

Porém a única coisa que me resta é ir para
 casa.
 Espero que quando chegar lá,
 Minha calça esteja seca.



A SINGULARIDADE DESSE BELO MOMENTO

Luiz Fernando Macedo de Araújo

Você é uma linda estrada com grandes montagens
e singelas encantadoras paisagens.
Tão extravagante, desdobrou as esquinas escuras do meu coração.

Uma rua escura, vinho barato,
aquela luz amarelada, é sua doce companhia,
a melhor de todos os mundos.

Nosso amor não é de outras vidas,
ele é dessa,
só se ama verdadeiramente uma vez,
uma segunda não se compararia
à singularidade desse belo momento.

A magnitude do seu sorriso,
tão encantadora e esplêndida sirius que
meus olhos carnais hão de ver.

CELEBRIDADES

Felipe Oliveira Neves

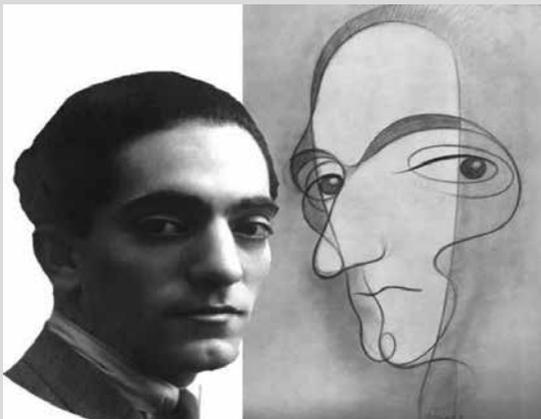
Queria ser métrico como Camões
 Incógnita como Assis
 Fazer de poesia lições
 Deixando sempre uma dúvida que condiz

Queria a essência de Cora
 E a plenitude de Pessoa

Fazendo estrofes em boa hora
 Tecendo algo que afeiçoa

Queria ter a língua do Guerra
 E o pseudônimo do Gonzaga
 Para escrever de minha terra
 Deixar versos que não se apaga

ALMADA NEGREIROS, O POETA MULTIFACETADO



José de Almada Negreiros (1893 a 1970) foi um artista que soube traduzir a estética sensacionista para a pintura, desenho, poesia, romance e o teatro. Além de integrar essas diferentes formas de expressão artística num todo marcado por características próprias.

Almada Negreiros publicou as suas primeiras caricaturas e desenhos na revista “A Sátira” (1913). Em 1915 foi convidado por Fernando Pessoa para colaborar no primeiro número da revista Orpheu (1915). Participante do Modernismo português, Almada Negreiros elaborou reflexão mais contínua e amadurecida sobre as questões socioculturais e estéticas enunciadas pela geração de Orpheu. Essa atividade reflexiva desenvolveu-se numa obra relativamente vasta e bastante diversificada, constituída por poemas, contos, novelas, romance, teatro, manifestos,

*“Bem sei que sou menino
 também que valho bastante,
 no meu corpo pequenino
 pôs Deus olhos de gigante.”*

ensaios, crônicas, além de uma permanente produção nas artes plásticas.

Na obra literária de Almada, o que se destaca é o valor que dá à palavra, entendida como forma primordial de conhecimento, meio imprescindível para a partilha do mundo, para tecer considerações sobre o homem, a arte e o real em que se vive.

Trata-se, portanto, de um autor crítico por excelência, que através de uma linguagem simples, beirando a ingenuidade, sem sofisticação de termos ou de construções, dirige seus olhos inconvenientes, “olhos de gigante”, para o mundo moderno, refletindo principalmente sobre o lugar da arte e do artista nesse espaço em transformação.

A sua obra plástica foi tendencialmente marcada pelo polimorfismo e pelo caráter multifacetado que assumiu. O desenho foi a via que evidenciou mais atributos qualitativos, derivando de uma postura inicialmente ingênua e fútil para uma mais consciente e original, afirmando-se pela firmeza e elegância da sua expressão.

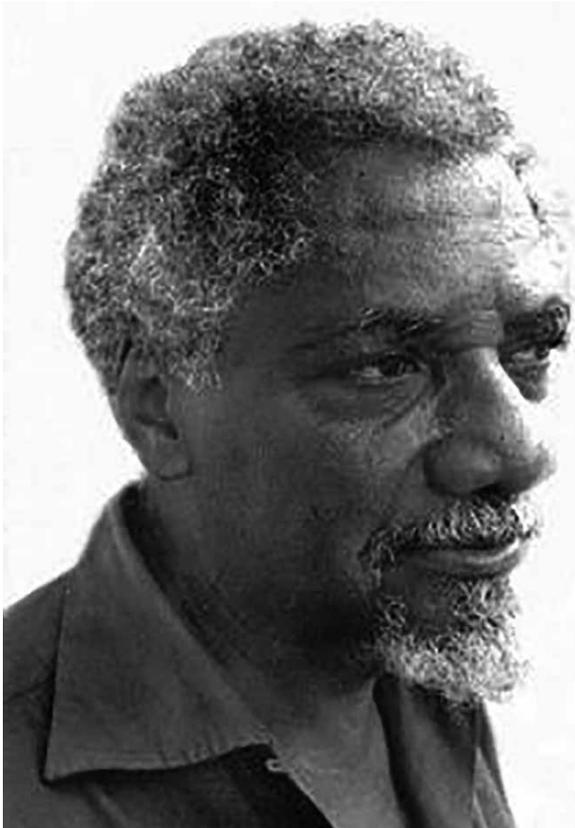
Conhecer a obra completa de Almada Negreiro é desvendar o universo da arte e as multífaces do artista. Vale a pena conhecer!

NEGREIROS, J. de A. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 242

TEORIA LITERÁRIA

POESIA, HUMANIDADE E RESISTÊNCIA NA OBRA DE SOLANO TRINDADE

Wellitania Oliveira



Solano Trindade (1908-1974)

Autor de uma poética marcada por um forte sentimento de pertencimento da cultura africana, Solano Trindade tem uma vasta obra em que expressa sua identidade e demonstra sua preferência pela temática negra em sua produção literária.

O poeta nasceu no início do século passado (24 de julho de 1908) em Recife-PE. Além de escritor, Solano Trindade foi pintor, teatrólogo, ator e folclorista. Foi um grande ativista cultural, desenvolveu intensa atividade voltada para o folclore e para a denúncia do racismo. Um legítimo poeta da resistência negra. Sua obra é composta por poemas afro-brasileiros.

Conhecer a poética de Solano Trindade é mergulhar num universo de sentimentos compassivos e atitudes humanitárias, sua poesia é um recurso em defesa dos negros oprimidos e da marginalidade social a que são submetidos. Dialoga de forma clara e direta com a sociedade, buscando a compreensão e o respeito pela história, pela luta dos negros no Brasil e no mundo.

Em um dos seus muitos poemas, diz o poeta:

Sou Negro

*Sou negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gongôs e agogôs*

*Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor de engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu*

*Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê*

*Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso*

*Mesmo vovó não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou*

*Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação. (Trindade, 2008)*

Percebe-se, neste poema, o compromisso de um eu lírico com sua identidade pessoal, resignado, assumido e se apropriando da sua cor negra: “Sou negro /meus avós foram queimados / pelo sol da África”. Para Trindade, a construção da identidade negra começa pela consciência de si mesmo. Essa conscientização faz com que o negro aprenda a se defender dos estereótipos que lhes são atribuídos. Dessa maneira, pode-se dizer que a identidade “está intimamente ligada àquilo que o indivíduo pensa sobre ele e àquilo que ele acha que os outros pensam sobre ele” (SOUZA, 2009, p. 23).

Trindade faz referência, no poema, as suas origens e à História do negro escravizado. Com o discurso em primeira pessoa, o poeta reproduz o que ouviu sobre seus antepassados: “Contaram-me que meus avós / vieram de Loanda / como

mercadoria de baixo preço”. É o relato da migração forçada dos negros africanos que foram desenraizados de suas terras para serem escravos em terras alheias, vendidos como mercadoria.

Sabe-se que os africanos chegaram ao Brasil destribalizados, arrancados do meio social de origem e transformados à força em indivíduos incivilizados. Durante séculos, foram vistos como simples instrumentos de trabalho e, ainda hoje, nota-se a intenção de parte da sociedade em manter o negro como classe proletária, agora escravos no sistema capitalista.

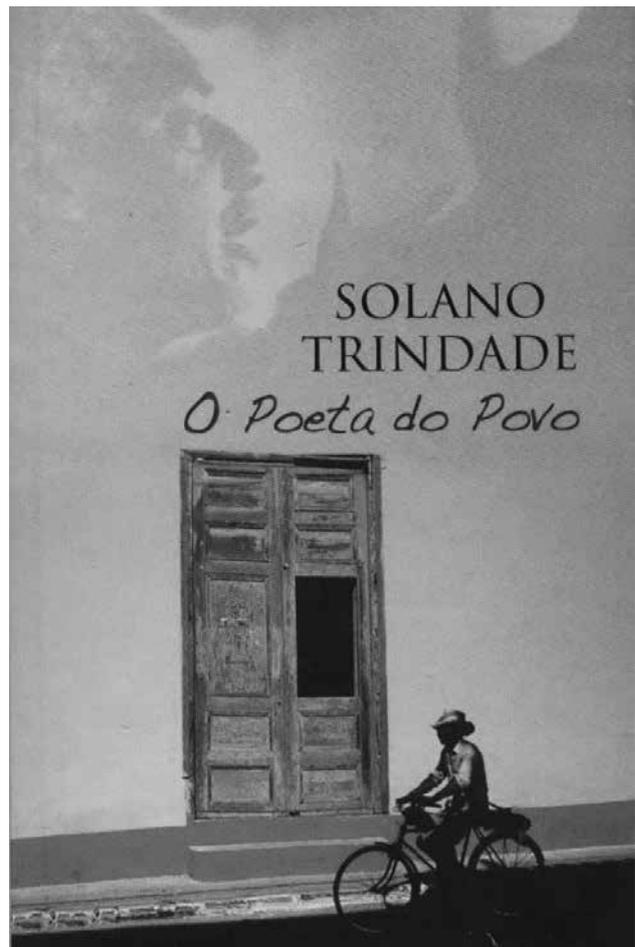
Assim, historicamente a vida do negro no Brasil é marcada pela desigualdade social e pelas atitudes racistas e preconceituosas. No entanto, sua contribuição para formação da cultura brasileira é de grande relevância. De acordo com Elio Ferreira (2011, p.17) a

“negralização é um fenômeno evidenciado na cultura brasileira desde a chegada dos primeiros africanos escravizados, consubstanciando-se na obra poética de autores afrodescendentes como Solano Trindade”.

A herança cultural que Trindade recebeu de seus antepassados está contemplada nos versos: “minh’alma recebeu o batismo dos tambores / atabaques, gongôs e agogôs”, estes são instrumentos que fazem parte da cultura musical africana. Elio Ferreira (idem) diz ainda, que “os versos de Solano traduzem o sentido das narrativas orais dos antigos ancestrais, que transmitiam suas experiências sociais e coletivas à comunidade tribal”. Sendo assim, Trindade deixa claro que a descendência africana se manifesta em sua alma, como o ritmo que se manifesta através da música. Ao ser batizado pelos instrumentos musicais, o poeta, metaforicamente, celebra a vida.

Nos versos: “Depois meu avô brigou como um danado / nas terras de Zumbi / Era valente como quê”, o eu lírico traz a memória do avô, faz a exaltação à coragem e valentia do homem negro, contrapondo a imagem do escravo obedientemente servil, que pode ser encontrado no estereótipo do “[...] pai João / humilde e manso. O eu lírico coaduna a imagem do avô à figura de Zumbi, enquanto um referencial de resistência e reafirmação de uma identidade de luta pela conquista da humanização do negro, da sua identidade de origem e de sua vida em liberdade.

No tocante à identidade negra, a rememoração de fatos valorosos, na poesia de Solano Trindade, evoca o sentimento de aceitação social. Esse sentimento é evidenciado ao longo do poema “Sou



Negro”, por meio das lembranças expressas pelo eu lírico. Esse sentimento pode ser evidenciado também pelo conhecimento do próprio passado histórico e cultural de seus ascendentes. Neste sentido, a cor da pele não é motivo de vergonha, ou desonra, mas de orgulho em assumir-se negro.

Assim como o homem negro, também as mulheres negras carregam consigo o peso da desigualdade. A essas mulheres cabe a luta diária contra todos os tipos de discriminação. Os versos: “Mesmo vovó não foi de brincadeira / Na guerra dos Malês / ela se destacou” o eu lírico faz referência à figura da avó, uma africana guerreira, característica que entra em contradição com o estereótipo

da negra submissa, geralmente retratada como mucama servil. A poesia trindadiana preconiza a imagem da mulher negra altiva e forte, que mesmo diante de uma realidade desumana, enfrentando cotidianamente o racismo, o machismo e a pobreza, não desiste da luta.

Como se pode constatar, a poética de Solano Trindade é uma convocatória contra

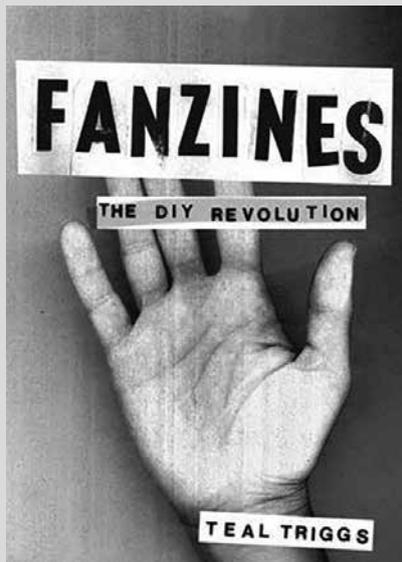
as múltiplas formas de violência e intolerância sofridas pelos afrodescendentes. Também convoca o leitor para a reflexão e imersão em outro universo de sentidos, onde a humanidade e a resistência são os manuais para se viver com respeito e liberdade. Pois como diz o poema: “Na minh’alma ficou / o samba / o batuque / o bamboleio / e o desejo de libertação”.

Referências:

SOUZA, Florentina. Solano trindade e a produção literária afro-brasileira. *Revista Afro-Ásia*, 31, 2004, p.311-293

TRINDADE, Solano. *O Poeta do Povo*. São Paulo: Ediouro; Editora Seguimento Farma, 2008. 160 p.

FANZINE, FAÇA VOCÊ MESMO



Fanzine, termo criado pela união de duas palavras em inglês – fanatic (fã) e magazine (revista) –, surgiu na década de 1930 como publicação amadora de baixo custo feita por fãs de ficção científica para divulgar seus textos. Ao longo do tempo, com os movimentos juvenis dos anos 1960, e em face da censura, o fanzine se expandiu e adentrou outros grupos – como punks, feministas, aficionados por jogos eletrônicos, cinéfilos – e gêneros textuais – quadrinhos, resenhas de cinema, literatura, poesia, fotografia e demais expressões artísticas.

Do it Yourself é um termo de origem inglesa que no Brasil ficou conhecido como “faça você mesmo”. Desse modo, o fanzine, também chamado de zine, é uma publicação impressa independente. Quem produz pode expressar suas ideias e pensamentos sem restrições, podendo ser políticas, sociais, literárias, histórias em quadrinho, poesias, e não está vinculada (geralmente) a regras ou normas

cultas, muito menos a grandes editoras ou gráficas, podendo ser feito por qualquer pessoa.

O fanzine é um espaço para discutir, trocar informações e divulgar trabalhos amadores acerca de um tema. Produzido artesanalmente e reproduzido por meio de fotocópia (xérox), mimeógrafos e recentemente via digitalização, é publicado em pequenas tiragens, sem fins lucrativos, priorizando a criatividade, o (re) uso de materiais disponíveis e a troca de exemplares.

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

Por Rafaelly Pimentel Ribeiro Lima

Neste espaço, você conhecerá a trajetória profissional da professora mestranda Francisca Edivania Gadelha Dias. Ela atua como docente na Universidade de Gurupi UNIRG, ministra a disciplina de Língua Brasileira de Sinais -LIBRAS no Curso de Letras/ Pedagogia, Odontologia, Enfermagem e Fisioterapia/Farmácia. Mestranda Profissional em Educação- Universidade Federal do Tocantins (UFT), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva (IFTM), Especialista em Tradução Interpretação e Docência da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS-(UNÍNTSESE),

e Graduada em Licenciatura Plena em Letras pelo Centro Universitário (FAVENI) e Graduada em Pedagogia (UNOPAR), Foi Intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação (IFTO). Professora da disciplina de Libras (SENAI) Itumbiara, Professora da Secretaria Municipal de Educação (SME), Professora Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação com experiência em docência, atuando na Coordenação pedagógica e ministrando LIBRAS, Surdez e Educação Especial. A seguir, o leitor acompanhará a autobiografia nas palavras da própria docente.

FRANCISCA EDIVANIA GADELHA DIAS



*É necessário sair da ilha para ver a ilha
(José Saramago)*

Sou Francisca Edivania Gadelha Dias, natural de Central-BA, em 1987 com apenas três anos de idade mudei para Santa Helena de Goiás (SHEGO), onde vivi toda minha infância e uma parte da minha adolescência. Em Santa Helena tive várias experiências que serviram para minha trajetória acadêmica.

Oriunda de uma família humilde, em que meus pais tiveram 08 filhos, e todos precisaram trabalhar muito cedo para ajudar nas despesas da casa, conciliando o trabalho com os estudos. E hoje agradeço a minha mãe Ozelina por todo incentivo nos meus estudos, pois tudo

que realizei foi justamente pela motivação dela. E conseqüentemente percebo que a mulher a qual me tornei foi devido à educação que ela me deu.

Em 2002 terminei o ensino médio, e logo pensava em continuar os estudos, mas ainda não tinha em mente qual Curso Superior iria fazer. Enquanto decidia, continuei estudando e fazendo cursos básicos que me garantiram várias experiências e impactando na minha trajetória acadêmica.

Com 18 anos, tive a oportunidade de trabalhar em Goiânia. Foi uma experiência maravilhosa e desafiadora, sendo a primeira vez que fiquei longe da minha família. Nesse período, em Goiânia, fiz curso técnico em Enfermagem, e também estudava musicalização.

Em 2007, ainda em Goiânia, surgiu a oportunidade de fazer um Curso da LIBRAS, realizado na Igreja que frequento. Foi um Curso maravilhoso de grande aprendizagem e que no primeiro dia de aula, despertou-me o desejo de aprender ao máximo.

Já em 2009, Deus abençoou meu matrimônio e prestei um concurso para Técnica em enfermagem na cidade de

Itumbiara-Goiás. Consegui passar, e trabalhei por quase 5 anos. E enquanto estava na Enfermagem, continuei estudando, fiz vários cursos de LIBRAS, e me despertou o desejo de fazer uma faculdade, então cursei Pedagogia na UNOPAR. Nessa trajetória, muitos desafios surgiram, um deles foi a minha gestação em 2014, pois minha linda princesa ficou internada por 23 dias na UTI, devido ter nascido prematura, hoje ela está com 07 anos.

Faltando um semestre para concluir a faculdade já comecei uma Pós-graduação em docência e Interpretação de LIBRAS na cidade de Uberlândia. Trabalhei como intérprete de LIBRAS no Estado e no SENAI de Itumbiara que garantiu muitas experiências gratificantes, tanto para mim, como para os alunos, pois a educação tem esse papel de ambos aprenderem juntos.

Em 2018, tive uma maravilhosa notícia, eu havia passado no processo seletivo para intérprete de Libras no IFTO. Até hoje sinto a emoção, pois foi um momento de decisão e escolha, eu e minha família tivemos que deixar tudo, o trabalho, nossa casa, nossa família em Goiás, nossos amigos e seguir rumo ao

“

**EM 2018,
TIVE UMA
MARAVILHOSA
NOTÍCIA, EU
HAVIA PASSADO
NO PROCESSO
SELETIVO PARA
INTÉRPRETE DE
LIBRAS NO IFTO.**

”

Tocantins. E hoje afirmo sem medo de errar que tudo valeu a pena.

Continuando minha trajetória, morei em Formoso do Araguaia por 1 ano e 8 meses, e enquanto trabalhava publiquei alguns artigos relacionados à educação especial, e também fiz Licenciatura em Letras e outra Especialização em Educação Tecnológica Inclusiva que me possibilitou a publicação de um capítulo de um livro e em seguida passei no processo seletivo para Professora da disciplina de Libras na UNIRG, sendo minha primeira experiência como Professora de nível superior e tenho desenvolvido minhas práticas pedagógicas com entusiasmo e desejo de crescer ainda mais.

Atualmente estou cursando o Mestrado profissional em Educação na UFT em Palmas. Estou maravilhada com o curso, com os docentes e com os novos amigos. Meu projeto de pesquisa está relacionado à educação inclusiva, pois acredito que podemos transformar os conhecimentos em práticas pedagógicas, inovando a educação.

Considero-me uma pessoa realizada, pois mesmo diante dos obstáculos, tive que levantar a cabeça e seguir, ainda tenho alguns sonhos, mas tudo depende da vontade de Deus e do meu esforço. Continuo trabalhando, estudando música, participando de grupos de estudos em Libras, e interpretando em Libras num Curso de Capacitação online.

Por toda essa trajetória, carrego comigo a palavra gratidão, por tudo que Deus tem me proporcionado e também a minha família e amigos pelo apoio recebido.



AGL EM FOCO: ENTREVISTA

ENTREVISTA COM O ESCRITOR PE. ELDINEI CARNEIRO



Por Ana Marina Mariano e Louygrime Soares

(Em função da pandemia de COVID-19, a realização desta entrevista foi feita integralmente de forma on-line)

Padre Eldinei Carneiro, nascido em 03 de janeiro de 1983, na cidade de Santa Rosa do Tocantins, iniciou sua jornada acadêmica aos 20 anos no Seminário Interdiocesano do Divino Espírito Santo. cursou Filosofia e Teologia, é mestre em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma) e professor no Seminário Maior do Amor Divino, em Palmas-Tocantins.

Publicou sua primeira obra “O Espaço da Liberdade Humana na Vida Moral Segundo a Veritatis Splendor de João Paulo II” em 2015, pela Editora Martmont e “Uma Reflexão sobre a Ética Filosófica”, em 2019, pela Editora Veloso. Atualmente, Pe. Eldinei ocupa a 33ª cadeira na Academia Gurupiense de Letras e é pároco na Paróquia Santo Antônio em Gurupi-Tocantins.

CONFIRAM A ENTREVISTA:

Ressaca Literária: Em que momento sentiu despertar o interesse para seguir a vida como sacerdote?

Pe. Eldinei Carneiro: *Então, eu sempre fui ligado à Igreja por três caminhos. O primeiro, a minha família. A minha mãe é muito religiosa, minha família sempre teve uma experiência de fé, uma presença orante. O segundo caminho foi a catequese, eu fazia o oratório de Dom Bosco, quando criança até os doze anos. E o terceiro caminho foi a própria comunidade, participando da liturgia, do grupo de jovens... é uma coisa inexplicável, eu sentia que algo me atraía, que me chamava, e eu fiz como o profeta Jeremias “Senhor, Tu me seduziste e eu deixei-me seduzir.”*

Ressaca Literária: Quando o senhor foi enviado a Roma para fazer o mestrado em Teologia Moral, qual foi a sensação? Isso estava em seus planos?

Pe. Eldinei Carneiro: *Não estava nos meus planos. Eu sempre gostei muito dos estudos, de aprofundar para tirar notas boas, mas não estava dentro dos meus planejamentos. Depois o bispo me fez a proposta de fazer esse mestrado e eu fiquei muito surpreso, muito feliz e ao mesmo tempo um pouco tenso, porque era outra cultura, outra língua e outro país. Mas foi um momento muito importante para minha vida e quando eu cheguei lá um colega me falou “olha, aqui você vai mergulhar em três dimensões, na cultura, na religião porque aqui é o berço do cristianismo ocidental e também no aspecto intelectual”.*

Ressaca Literária: Em 2015, o senhor publicou sua primeira obra, “O Espaço da Liberdade Humana na Vida Moral Segundo a Veritatis Splendor de João Paulo II”. Qual foi sua motivação para escrevê-la?

Pe. Eldinei Carneiro: *Essa obra é fruto da minha dissertação de mestrado. Eu sempre estudei a Teologia Moral e ela está baseada naquela parábola que Jesus faz o convite ao jovem rico. O jovem se aproxima do Senhor e pergunta “Mestre o que devo fazer para possuir a vida eterna?” E Jesus então, faz o convite ao jovem, ao despojamento, dá dinheiro aos pobres. O jovem se sente balançado, mas não quer abandonar suas riquezas. Então a moral é essa pergunta “o que devo fazer?” E nós respondemos ao chamado de Deus pela nossa liberdade, pelas nossas atitudes e através da nossa caridade.*

Ressaca Literária: Os sermões de Padre Antônio Vieira te influenciaram de alguma forma?

Pe. Eldinei Carneiro: *Com certeza! Padre Antônio Vieira foi um grande intelectual, um grande literato, um grande pedagogo, um grande pregador da palavra de Deus, que falava com profundidade, mas também com simplicidade ao coração. Sempre gostei muito do Pe. Vieira, sobretudo a sua dimensão da retórica, a sua capacidade de se expressar com muita profundidade e muita facilidade.*

Ressaca Literária: Pretende publicar mais? Já existe algo em processo de criação?

Pe. Eldinei Carneiro: *Então, eu estou terminando agora o curso de Direito na UNIRG e pretendo publicar o meu artigo científico em*

que vou falar sobre o *Direito Digital*, crimes cibernéticos, acho que é um tema muito inerente, muito presente, sobretudo nessa área toda a sociedade digital que nós falamos hoje.

Ressaca Literária: Pode recomendar uma leitura indispensável para nossos leitores?

Pe. Eldinei Carneiro: *Indico os clássicos da Filosofia, porque sou muito apaixonado por filosofia, então Sócrates, Platão, Aristóteles... também os pensadores cristãos como São Tomás de Aquino, Santo Agostinho... Da literatura eu gosto muito de Machado de Assis também. Então, nós temos várias opções que podemos aprofundar e crescer sempre. Também indico Mario Sérgio Cortella, um filósofo bem atual.*

Ressaca Literária: A respeito de “Uma Reflexão Sobre a Ética Filosófica”, quando e porque decidiu criá-la?

Pe. Eldinei Carneiro: *Esse projeto é um desejo de tocar no coração das pessoas, nesse tempo de tantas crises, tantas dificuldades morais e existenciais. A ética é um conjunto de princípios e fundamentos que quer guiar, quer conduzir e orientar o ser humano. Então, uma reflexão ética nos faz pensar sobre nosso fim, sobre nosso agir e nossas atitudes. O propósito desta obra é ajudar o homem a fazer o bem e evitar o mal.*

Ressaca Literária: O senhor iniciou sua vida acadêmica em 2003 e desde então, não a deixou mais. Que conselho pode deixar aos jovens que estão começando agora?

Pe. Eldinei Carneiro: *O que eu posso dizer é que o estudo é a maior herança e a educação o maior bem que nossos*



pais podem nos deixar e a maior riqueza. Sobretudo como eu que vim de uma família simples, humilde, é através da nossa educação, através da nossa formação que nós vamos conquistando nosso espaço. Quero dizer a todos que estão estudando, como você lembrou, comecei a minha vida acadêmica em 2013 e até hoje continuo estudando, pois não podemos parar porque o estudo é sempre uma evolução, sempre dinâmico, o mundo está sempre em movimento e precisamos aprofundar.

O que eu diria é que a gente tem sempre que ter uma perspectiva de futuro. Quem para, quem estaciona, não está apto para acompanhar essa cultura atual do moderno.

MARULHOS LITERÁRIOS



TUDO NELA BRILHA E QUEIMA

Tudo nela brilha e queima é um livro que trata do ativismo em defesa dos direitos das mulheres negras. A autora expõe ao mundo a forma como o feminismo se torna necessário em uma sociedade que oprime a mulher em seu sentido mais puro e incentiva as mulheres a contarem suas histórias e descobrirem o poder intrínseco a elas. Assim sendo, seu trabalho é pautado na resistência das mulheres e focado na luta e no fortalecimento pela arte e pela educação.

Ryane Leão é uma mulher que escreve para mulheres – e faz isso por meio da poesia. É poetisa e professora cuiabana que vive em São Paulo. Estudou Letras na UNIFESP.



TODAS AS FLORES QUE NÃO TE ENVIEI

Todas as flores que não te enviei traz à tona sentimentos, inclusive aqueles que lutamos para esconder, mas que estão ali, esperando o momento exato para serem libertos. A inspiração dos poemas de Felipe Rocha chega através da sua imaginação e da sensibilidade, e também da percepção de tudo que está ao seu redor. Foi depois de muita reflexão que, em 2016, nasceu o @tipobilhete, como forma de trazer um pouco de alegria para o dia a dia e transbordar aquilo que atitudes não são capazes de demonstrar.

Felipe Rocha tem 28 anos e é natural de Rio Claro/SP. Formou-se em Engenharia Civil em 2016 e foi durante o último semestre da graduação, já com o TCC pronto antecipadamente e com tempo livre demais, que começou a escrever os primeiros bilhetes e textos. O @tipobilhete foi criado para servir como um baú para armazenar todo o conteúdo produzido. Hoje, possui três livros sobre sentimentos e está trabalhando em um quarto livro para 2022.

LITERATURA TOCANTINENSE



LITERATURA TOCANTINENSE – ENTREVISTAS

Idealizada e organizada pelo professor Pedro Albeirice da Rocha (Universidade Federal do Norte do Tocantins) e lançada em dezembro de 2020, já vai para a terceira edição (Velo, Gurupi) a Enciclopédia “Literatura Tocantinense – Entrevistas”.

A coleção é composta de cinco volumes, com 206 seções alusivas a autores do Tocantins, sendo que cada uma dessas seções é constituída de foto, biografia, livros publicados e uma entrevista.

A abordagem aos autores foi feita pelo próprio organizador (sobretudo no volume 1) ganhando, a partir do segundo tomo, a adesão de participantes que foram selecionados entre acadêmicos e docentes de nosso Estado e de outros lugares.

A obra visa a preencher uma lacuna, qual seja a de disponibilizar, no dizer de Zacarias Martins, um “mosaico” das letras contemporâneas do Tocantins e tem o mérito de apresentar um pouco do pensamento de nossos intelectuais, através das respostas das entrevistas.

JANELAS DO TEMPO – REFLEXÕES POÉTICAS



Janelas do Tempo – Reflexões poéticas, do poeta Adônis Delano, é um livro que leva o leitor ao delírio do racional. Versátil, sutil, romântico, às vezes sarcástico, é um misto de sensações na mistura de um cardápio literário apetitoso e desejável. De simples assimilação e fácil entendimento, as reflexões contidas na obra, por si mesmas, espargem uma linguagem poética que fazem do contexto um prazer, ou melhor; um presente à parte. Para todos aqueles que gostam de viajar pelo universo encantado da poesia.

Adônis Delano é o nome literário de Adonias Pereira de Araújo, poeta, compositor, cantor, escritor, membro da Academia Gurupiense de Letras – AGL. Adônis Delano tem vários livros publicados, entre eles: Onde Florescem Os Lírios; Deixe-me Chorar de Saudade; Tão Longe Tão Distante; Quando Chegar Amanhã; Gurupi Diamante Puro - contos e fatos da sua História e Amores Incríveis Amores.

PRODUÇÃO ACADÊMICA

UMA BREVE ANÁLISE DO POEMA OS HOMENS OCOS, DE T. S. ELIOT, SOB A ÓTICA DOS TEMPOS MODERNOS

Brunno de Sousa e Silva¹



Melancholia -2013 - Albert György

Em 1925, o poeta modernista inglês T. S. Eliot lançava a versão final do poema *The Hollow Men* (*Os Homens Ocos*), na antologia *Poems: 1909–1925* (*Poemas: 1909–1925*). Inserido dentro de um contexto histórico, este é um poema que reflete o estado de “esvaziamento” da época; um período em que o homem acabara de passar pela Primeira Guerra Mundial e a Europa lidava com a ascensão dos regimes totalitários. Mas ao abrirmos mão do contexto histórico no qual o poema está inserido e ao analisá-lo sob a ótica do estado atual da sociedade, podemos extrair dele uma profunda ligação com as angústias recentes da humanidade.

Isso porque Eliot, mais do que nenhum outro poeta do século XX, emprega uma noção universalizante na sua obra, ao compreender que a literatura se trata de um trabalho coletivo, e que dentro dela, nenhum indivíduo se sustenta sem seus pares:

Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas e os artistas mortos. Não se pode estimá-lo em si; é preciso situá-lo, por contraste e comparação, entre os mortos (ELIOT, 1989 apud BENITES; MENON, 2018).

Portanto, a poesia de Eliot, mesmo se relacionando diretamente com os acontecimentos de

sua época, não se prende apenas a eles. O que nos permite associá-la tanto à realidade hoje vivida, quanto a eventos que pertencem ao porvir.

Partindo para a análise, já nos primeiros versos observamos que Eliot não está tratando de uma situação isolada, do sentimento de apenas um indivíduo, mas da humanidade como um todo. Ao utilizar o pronome Nós, ele inclui o leitor no conjunto de temas abordados no poema; em especial, o vazio coletivo de uma era em que o homem tende cada vez mais a se afastar de seus semelhantes.

Somos os homens ocos / Somos homens empalhados / Apoiados todos juntos / Com chapéus cheios de palha. Ah! / Nossas vozes secas, dado / Sussurrarmos juntos / São mudas, sem sentido, / Como vento em capim ressequido / Ou patas de ratos nos cacos de vidro / De nossa cave seca (ELIOT, 2018, p. 167).

Já na parte II do poema, percebe-se que um enredo de jornada se desenvolve em torno desses Homens Ocos, que nos primeiros versos se encontram em cave seca, sussurrando juntos palavras incompreensíveis. Na sequência, atravessam “o ‘reino de sonho da morte’ [que] é também o paraíso, onde os homens ocos não se atrevem a olhar nos olhos dos justos, assim como Dante não conseguia encarar os olhos de Beatriz em seu primeiro encontro na ‘Divina Comédia’ [...]” (BARBOSA et al. 2019, p. 28). Essa clara alusão à Divina Comédia na segunda parte, reforça não só o ideal de Eliot de que a poesia é uma construção coletiva que se apoia na tradição literária, como também ressalta a ambição do homem em conseguir respostas para os questionamentos em relação à sua própria existência. Porém essa resposta lhe é negada, já que ainda não possui a virtude dos homens justos, necessária para encarar de frente a face da verdade.

Olhos que não ousa olhar em sonhos / No reino de sonhos da morte / Não são: / Lá, os olhos são / Luz do sol em coluna partida / Lá, há uma árvore oscilando / E vozes estão / Com o vento cantando / Mais distantes, mais solenes / Que um astro em desapareção. (ELIOT, 2018, p. 169).

Toda essa questão do vazio interior e do homem que percorre o mundo em busca de significado e não encontra nada a não ser imagens de pedra que recebem a súplica da mão de um homem morto e lábios que formam preces para pedra partida, poderiam inserir este poema dentro da filosofia do niilismo existencial, onde toda a ação humana, em última instância, não possui qualquer propósito. Isto se, logo adiante, nas partes IV e V, Eliot não nos oferecesse uma resposta para todas as angústias do homem, “sua narração-descrição vem encontrar seu fim em versos que nos sugerem um ritual religioso, divididos em sílabas que aludem a um cântico cujo receptor é transcendental.” (BENITES; MENON, 2018, p. 96). A alternância entre versos que expressam características da vida mundana com a religiosidade expõem a condição atual do ser humano em conflito. Porém, T. S. Eliot é

enfático, pois é na vida mundana dos homens onde cai a sombra:

Entre ideia / E realidade / Entre impulso / E ato / Cai a Sombra / Pois Vosso é o Reino / Entre concepção / E criação / Entre emoção / E reação / Cai a Sombra / A vida é muito longa / Entre desejo / E espasmo / Entre potência / E existência / Entre essência / E declínio / Cai a Sombra / Pois Vosso é o Reino / Pois Vosso é / A vida é / Pois Vossa é a (ELIOT, 2018, p. 173, 175).

Podemos dizer que após o longo período de conflitos armados no ocidente (Primeira e Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria), o homem vive atualmente num momento de relativa paz. Não tendo que se preocupar com uma ameaça de destruição iminente, ele se volta para dentro de si, para questões a respeito de sua própria existência. Encontramos aí a imagem do homem em conflito, tal qual os versos acima citados. Dividido entre a razão e a fé, o real e o transcendental. Não encontrando resposta satisfatória no transcendental, ele preenche o vazio ampliando o mercado de consumo e se apoiando na comodidade proporcionada pela tecnologia. Essa natureza consumista, tendência dos tempos modernos, pode ser apontada como a causa dessa individualização da existência. Entregues a si mesmos, os homens acabam encurralados e elegem a lógica de mercado como início e fim de suas ações, movendo-se a partir de necessidades individuais ancoradas na insatisfação (BENITES; MENON, 2018).

E, citando os célebres últimos versos do poema: é assim que o mundo acaba. Nossa geração de homens ocos, cuja consciência do dever social e a empatia andam em falta, apoiados pela sede consumista, caminham em direção ao vazio e a desorientação de um mundo moderno caótico. É assim que o mundo acaba. Sem estrondo, num gemido.

REFERÊNCIAS

ELIOT, T. S. Poemas. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BARBOSA, Anna Beatriz Sanchez; MARMIROLLI, Fábio Augusto do Prado; MOREIRA, Fernanda Gonçalves. Ampliação simbólica da obra *The Hollow Men*: Um ensaio sobre o vazio. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, [S.l.], v. 37, p. 23-36, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-08252019000200004> Acesso em: 15 abr. 2021

MENON, Mauricio Cesar; BENITES, Fernando Bruno Antonelli Molina. Os Homens Ocos e a Cultura-mundo: de T. S. Eliot à Hipermodernidade. *Revista de Letras Norte@mentos*, [S.l.], v. 11, n. 24, p. 92-104, janeiro/jun. 2018. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/2929/2183>> Acesso em: 15 abr. 2021

¹SILVA, Brunno de Sousa e- Graduando em Letras- Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas licenciaturas, pela Universidade Regional de Gurupi- UnirG, Gurupi/TO. E-mail: brunnoasilva@unirg.edu.br

ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE DOM QUIXOTE DE LA MANCHA E O ALIENISTA

Lucas dos Santos Costa¹

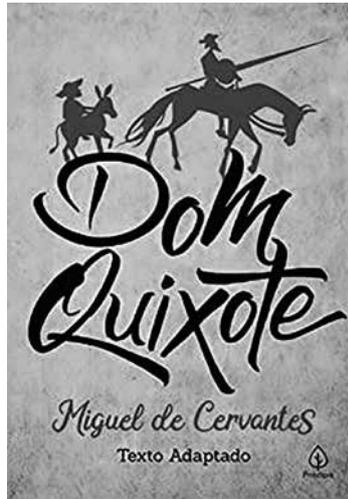


Foto: Divulgação

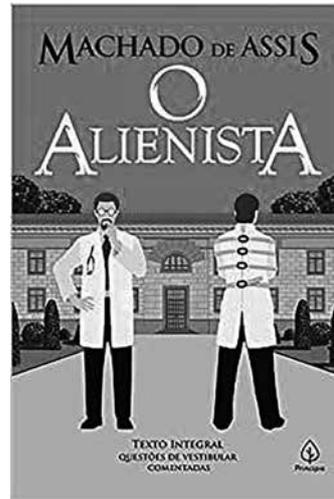


Foto: Divulgação

O famoso Dom Quixote de la Mancha (no original, em castelhano: Don Quijote de la Mancha), de Miguel de Cervantes, é um romance composto, em sua primeira edição, por duas partes: a primeira publicada em 1605 e a segunda, em 1615, ambas em Madrid, no Século de Ouro Espanhol.

Nessa obra, Cervantes satiriza novelas de cavalaria, que são típicas da Idade Média e que, a partir da segunda metade do século XVI, já estavam perdendo espaço na preferência dos leitores, no decorrer do período de expansão mercantil naquele país. Dessa maneira, parodia os cavaleiros andantes jovens, protagonistas daquelas novelas, destemidos e valentes, ao criar o Alonso Quijano, de aproximadamente cinquenta anos. Esse personagem se torna louco e, automeado como Dom Quixote de la Mancha e dedicado a sua amada Dulcineia del Toboso, segue em aventuras, imitando aqueles cavaleiros. Entretanto, de forma diferente desses, não vence batalhas.

O Alienista, conto que pode ser considerado também uma novela, de Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez, em Papéis avulsos, no ano 1882, durante a fase realista de seu autor e da literatura brasileira.

Nesse conto, Machado satiriza a confiança cega na ciência, nas orientações racionalistas e no positivismo, que estava em voga no século XIX. Desse modo, faz paródia da figura do cientista, ao criar um que é alienista – médico especialista no tratamento de doenças mentais. Esse é Simão Bacamarte, que busca investigar cientificamente a loucura, cria o manicômio Casa Verde, em Itaguaí, e elabora uma teoria sobre os tipos de insanidade. Ao final, após internar nessa instituição 80% da população e reformular várias vezes sua teoria, ele mesmo se considera o único demente da cidade e se tranca sozinho naquele manicômio, onde fica até morrer.

Embora a escritura cervantina² seja o aspecto que mais aproxima a produção de Machado da

de Cervantes (VIEIRA, 2004), ganham destaque, em *O Alienista*, acontecimentos, personagens e a recorrência ao tema da loucura que nos remetem a *Dom Quixote de la Mancha*. A seguir, vejamos, bem brevemente, algumas dessas relações intertextuais entre as duas obras referidas.

Em ambas as prosas, os episódios ocorreram no passado e foram registrados em documentos que os narradores mencionam. A estória quixotesca foi registrada nos anais da Mancha e a que conta sobre o Doutor Bacamarte, nas crônicas da Vila de Itaguaí.

Tanto Alonso Quijano como Bacamarte têm sua loucura originária de leituras. O primeiro leu excessivamente novelas de cavalaria: “[...] por dormir pouco e ler muito, secou-lhe o cérebro de maneira que veio a perder o juízo” (CERVANTES, 2012). O segundo leu demasiadamente estudos científicos para embasar suas pesquisas: “[...] meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas” (ASSIS, 1994).

A loucura é o que move a ação de ambos os protagonistas, fundamentada na ideia fixa que eles criam e em um heroísmo problemático e insustentável, que é “[...] desproporcional ao estilo dos renomados heróis épicos” (VIEIRA, 2004, p. 76), ou seja, que não é perfeito e nem bem-sucedido como o de tais heróis. *Dom Quixote* buscava ressuscitar no mundo a idade dourada. Já o Doutor Bacamarte visava estudar a loucura, definir seus parâmetros, descobrir sua causa e seu remédio universal.

Para Mancing (1982) apud Dutra (2014), o primeiro tomo de *Dom Quixote de la Mancha* pode ser dividido em três estágios, o da cavalaria: 1 – exaltada; 2 – comprometida e 3 – derrotada. Dutra (2014, p. 211) explica que, no estágio 1, *Dom Quixote* “[...] decide fazer-se cavaleiro”; no 2 o manchego “[...] não consegue pôr em prática, em sua totalidade, as regras da cavalaria no (seu) mundo real com que se enfrenta” e, finalmente, no 3 “[...] a realidade prevalece” e ganha o lugar que antes foi dado à fantasia pelo personagem. Há, assim, uma semelhança do enredo dessa obra com o de *O Alienista*, que outrossim pode ser dividido em três etapas, pois, nesse texto machadiano, Bacamarte: 1 – “[...] decide ser um Alienista”; 2 – “[...] testa suas teorias” e 3 – “[...] chega a um beco sem saída”, isto é, não obtém o resultado esperado em seus experimentos.

Encontram-se personagens próximos a Bacamarte que têm o papel simétrico ao de alguns com os quais *Dom Quixote* convive em seu contexto familiar. Por exemplo, Crispim Soares (o boticário), Dona Evarista (esposa de Bacamarte), barbeiro Porfírio e vigário Lopes. O primeiro desses quatro atua com ingenuidade e puerilidade. Acompanha o médico em suas andanças, revela ser cúmplice desse, em certos momentos e em outros, age com medo e insegurança, devido à possibilidade de resistências que as práticas do médico podem despertar na população itaguaiense. Lembra-nos de Sancho Pança e, em algumas situações, similarmente a esse, parece mesmo figurar como escudeiro de Bacamarte (VIEIRA, 2004). Já a segunda não entende a relevância dos estudos de seu marido, assim como a ama e a sobrinha de *Dom Quixote* não veem sentido nas aventuras de seu respectivo amo e tio. Os dois últimos personagens duvidam da sensatez das pesquisas do alienista e não concordam com ações desse, bem como um barbeiro e um cura buscam fazer *Dom Quixote* deixar suas andanças e retornar à terra dele.

Nessa obra de Machado, após a despedida e a partida da comitiva com a esposa de Bacamarte

e a de Crispim Soares para o Rio de Janeiro, nota-se, na passagem da volta desses maridos para suas casas, que, bem explicitamente, o autor cria uma cena com analogia a Dom Quixote e Sancho Pança:

Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras. (ASSIS, 1994)

Para Massaud Moisés (2001), é possível que essa passagem possua a marca mais eloquente de que *O Alienista* pode ser compreendido como uma paródia de *Dom Quixote de la Mancha*. Nessa perspectiva, o autor questiona: “Não parece que vemos o cavaleiro da Mancha e o seu fiel escudeiro, um visionário, o outro, realista, aquele, voltado para o futuro, este, para o presente?” (MOISÉS, 2001, p. 131). A resposta para essa pergunta é ‘sim’. De fato, parece que vemos o cavaleiro manchego e o seu escudeiro fiel. Dois elementos, estudados por Dutra (2014), evidenciam isso: a imagem dos dois homens montados, um em um cavalo, outro em uma besta; e o fato de Bacamarte ter deixado ao seu cavalo a responsabilidade pelo caminho do regresso, assim como Dom Quixote. Ademais, as montarias do médico e do cavaleiro os direcionam ao destino que é um fracasso em relação ao que eles ansiavam (DUTRA, 2014).

Portanto, depreende-se que Machado utilizou com originalidade aspectos da obra quixotesca em *O Alienista*. Dessa forma, criou um Dom Quixote de caráter realista (cf. VIEIRA, 2004). Além disso, considera-se que a análise de ressonâncias cervantinas, nos escritos machadianos, é uma prática relativamente nova e tais ressonâncias merecem ainda muitos estudos, visto que, como notou Vieira (2004), a crítica se limitou a breves menções sobre elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Ernani Só. São Paulo: Penguin - Companhia das Letras, 2012.

DUTRA, Paulo Roberto. Dom Bacamarte de Itaguaí: rastro de Dom Quixote em “O Alienista”. *Contexto*, Vitória, n. 26, p. 195-216, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8792/6200>. Acesso em: 20 mar 2021.

MOISÉS, Massaud. Machado de Assis: Ficção e Utopia. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

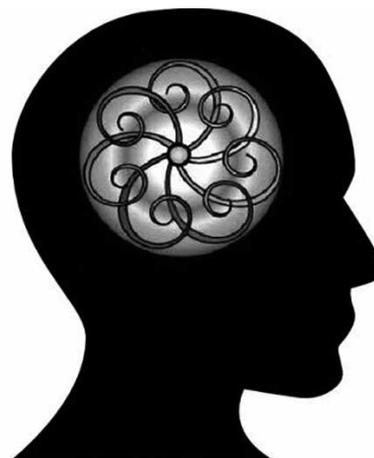
VIEIRA, Maria Augusta da Costa. O Alienista de Machado de Assis: o Dom Quixote de Itaguaí?. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 1, n. 20, p. 69-80, jan.-jun., 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25166/13984>. Acesso em: 20 mar 2021.

¹ COSTA, Lucas dos Santos – Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista da Capes. Graduado em Letras – Licenciatura em inglês, português e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi (UnirG).

DISTÚRBIOS PSÍQUICOS E A LITERATURA COMO ANTÍDOTO

Morgana Bezerra de Sousa Alves¹

Marcilene de Assis Alves Araujo²



O tema central deste texto é abordar como a literatura, enquanto manifestação artística pode auxiliar pessoas que estejam sofrendo algum transtorno psicológico, e como a leitura de textos literários pode ser fundamental no tratamento de tais doenças. Buscamos quebrar rótulos que intitulam os problemas psicológicos de forma estigmatizada, e para isso utilizaremos como referências para embasar esse trabalho.

Discutir sobre transtornos psicológicos entre grupos sociais, pode gerar desconforto devido à complexidade do assunto, provocando diversas opiniões, sejam elas no âmbito acadêmico seja fora dele. As estatísticas revelam que a quantidade de vítimas afetadas pela depressão, ansiedade entre outras, evolui de forma assustadora, portanto, trazer a temática para o debate pode ser uma estratégia com função significativa para minimizar as dificuldades em tratar sobre esses assuntos e até mesmo na busca pelo respeito e apoio às pessoas com esses transtornos depressivos e ansiolíticos.

A ciência tem apresentado, diariamente, novas descobertas a respeito do funcionamento cerebral e de sua composição, os meios utilizados por ele para aprender, crescer e se desenvolver ao longo da vida humana. No entanto, assim como as outras partes que compõem o corpo humano, o cérebro está suscetível às doenças que podem surgir de forma sintomática ou assintomática e, apesar de todos esses avanços realizados pela ciência, os distúrbios relacionados ao cérebro ainda são alvo de muito preconceito.

O paradigma da saúde mental tem evoluído nas últimas décadas, ampliando e extrapolando conceitos até então puramente biológicos. Por esse novo prisma, o conceito passa a considerar a saúde como um processo contínuo, onde os sintomas das doenças podem ser compreendidos como consequências da interação entre fatores genéticos, biológicos, psicológicos e culturais. (VIEIRA, 2014 apud PRADO e BRESSAN, 2016).

Algumas das doenças psíquicas muito evidentes são: Transtorno Bipolar, Ansiedade, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) e Depressão. De acordo com a ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria), 30% dos brasileiros desenvolvem problemas psicológicos, ao

longo de sua vida. Uma taxa alta, o que justifica a notoriedade da discussão abordada. Esses distúrbios possuem sintomas muito característicos que merecem atenção como, por exemplo: ansiedade, alucinações, tristeza patológica, delírios, pensamentos que remetem ao suicídio, desmotivação, isolamento, entre outros. Entretanto, existem ainda outras problemáticas que podem surgir a partir dessas patologias, como: o alcoolismo, o uso de drogas lícitas e ilícitas, e assim não somente o indivíduo é afetado, mas também, as pessoas que fazem parte da sua convivência social entre amigos e familiares.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde, 2020), o Brasil é o segundo país com o maior número de depressivos nas Américas com 5,8% perdendo apenas para os Estados Unidos com 5,9%. A OMS considera a depressão como uma epidemia global que merece com urgência uma atenção especial.

Todavia, encontramos evidências históricas de que esse transtorno não é de agora e muitos escritores e artistas literários sofreram de alterações de estados mentais, o que ocasionava condutas antissociais que chegavam a criar situações comportamentais subversivas. Machado de Assis, por exemplo, sofreu, durante muitos anos da sua vida, com a depressão, que se agravou muito, em 1904, com o falecimento de sua esposa. Machado de Assis sofreu de epilepsia, doença que provavelmente surgiu ainda na infância, as crises convulsivas foram presenciadas por pessoas próximas a ele, entretanto, o autor não falava sobre a sua enfermidade. Outro artista bastante conhecido acometido por esses transtornos foi Vincent Van Gogh, pintor holandês que teve muito destaque no movimento Pós-Impressionista, no final do século XIX, sofria de depressão, bipolaridade, alucinações e epilepsia, fatores que o levaram ao suicídio, em 1890. Clarice Lispector, uma escritora ucraniana, naturalizada brasileira, desenvolveu depressão pós-parto que se agravou após um acidente que resultou em queimaduras graves.

Por outro lado, encontramos na Literatura um instrumento que contribui para aliviar os sintomas desses transtornos, pois os modos de expressão e as diferentes linguagens da Literatura atuam como mobilizadores hábeis que levam o leitor a diferentes perspectivas de vida, gerando distanciamento das suas condições socioemocionais. Logo, pesquisas buscam cada vez mais soluções que possam tratar com mais eficácia essas doenças e a arte literária é uma grande aliada nessa trajetória, o início dessa descoberta deu-se no século 1º d.C, com os gregos antigos, o médico romano Soranus prescrevia poemas e peças teatrais para seus pacientes, e assim eles podiam entender e expressar melhor o que sentiam. Desse modo, acredita-se que a leitura de textos literários é capaz de auxiliar na mudança de pensamentos, sentimentos e emoções.

A Neurociência revela que o cérebro tem o potencial de experimentar de forma bastante real as variadas sensações que são transmitidas através dos livros. Franz Kafka, escritor boêmio, considerado pelos críticos um dos escritores mais respeitados do século XX, em sua carta a Oscar Pollak, diz: “Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo? Porque nos faz felizes, como você escreve?” (KAFKA, 2012)

Em virtude dos fatos mencionados, é notório que esse tema seja abordado dentro das universidades e também das escolas, adentrando os alunos e acadêmicos no universo da Literatura, não somente com o propósito de entretenimento e conhecimento, mas também como refúgio psicológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KAFKA, Franz. Franz Kafka, carta a Oscar Pollak, 1904. Laboratório de Sensibilidades, 2012. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/01/31/franz-kafka-carta-a-oscar-pollak-1904/>. Acesso em: 28 fev. 2021.
- OMS considera depressão uma epidemia global. Hurso, 2020. Disponível em: <http://hursosantahelena.org.br/noticias/oms-considera-depressao-epidemia-global/>. Acesso em: 02 mar. 2021.
- SANTOS, Vanessa Sardinha dos. Doenças Psicológicas. Biologia Net, 2021. Disponível em: <https://www.biologianet.com/doencas/doencas-psicologicas.htm>. Acesso em: 27 fev. 2021.
- VIEIRA AM. Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Apud PRADO, Alessandra Lemes; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. Revista Psicopedagogia. O estigma da mente: transformando o medo em conhecimento. vol.33 nº 100. São Paulo, 2016. ISSN 0103-8486. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100012 Acesso em 05 de abril de 2021.
- ALVES, Morgana Bezerra de Souza. Graduando em Letras- Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UNIRG, Gurupi/TO. E-mail: morganabsousa@unirg.edu.br
- 2Araujo, Marcilene de Assis Alves. Doutora em Letras Ensino de Língua e Literatura pela UFT/Araguaína-TO, professora na Universidade de Gurupi – UnirG. marcilenearaujo@unirg.edu.br

PERIODIZAÇÃO DA LITERATURA PORTUGUESA - ERA MEDIEVAL

A Primeira Época Medieval é caracterizada pelo Trovadorismo. A cultura trovadoresca iniciou-se no período feudal, entre os séculos XII e XIII, quando da consolidação de Portugal como um reino independente. O nome Trovadorismo tem sua origem na palavra “troubador”, como eram chamados os poetas de Provença, região do sul da França.

Esse período se inicia com o texto mais antigo da literatura portuguesa, a “Canção da Ribeirinha”, de Paio Soares de Taveirós.



Canção da Ribeirinha (Paio Soares de Taveirós)

“No mundo non me sei parelha,
mentre me for como me vai,
cai já moiro por vós – e aí!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando eu vos vi em saia!
Mau dia me levantei
Que vos enton non vi fea!
E, mia senhor dês aquel di’, ai!
me foi a mi mui mal,
e vós, filha de don Paai
Moniz, e bem vos semelha
D’haver eu por vós guarvaia,
Pois eu, mia senhor, d’alfaia
Nunca de vós houve nen hei
Valia d’ua correa”.

OUTRAS ARTES

REMBRANDT - UM DOS MAIORES NOMES DA HISTÓRIA DA ARTE EUROPEIA

Felipe Oliveira Neves¹

Isabelle Alves Neves²



Auto-retrato como o Apóstolo Paulo, 1661

Rembrandt Harmenszoon van Rijn, nasceu em 15 de julho de 1606, em Leiden, na Holanda. O artista, pintor e gravurista barroco holandês foi um dos maiores contadores de história da história da arte e ficou conhecido como um pintor de luz e sombra. Gozava de uma aptidão extraordinária para constituir as pessoas em seus vários modos e disfarces dramáticos.

Rembrandt pintava retratos e autorretratos, produzia também desenhos e gravuras representando cenas bíblicas, mitológicas, nus e algumas paisagens. Seu dom para pintura foi manifestado desde muito jovem, por volta dos 7 anos de idade.

Teve uma infância humilde, filho de Harmen Gerritszoon van Rijn, um próspero moleiro e Neeltgen Willemsdochter van Zuytbrouck, era o nono filho do casal.

Sua ascensão deu-se através de importantes encomendas na corte de Haia. A obra mais importante do criador holandês foi uma encomenda feita em 1639 pela Corporação de Arcabuzeiros de Amsterdã a fim de decorar a sede da companhia, a tela foi entregue em 1642.

Teve sua vida marcada por tragédias, casou-se com Saskia por volta de 1634-1635, com quem teve 4 filhos, apenas o mais novo sobreviveu até a maioridade. Sua esposa falecera em 1642, logo depois do nascimento de Titus, seu quarto filho. Ainda na década de 40, Rembrandt teve um relacionamento com a cuidadora de Titus, Hendrickje Stoffels e tiveram uma filha, Cornélia, o que provocou a excomunhão Stoffels.

Sua vida financeira também foi conturbada, vivia acima de suas possibilidades, seus gastos ultrapassaram seu nível econômico, chegando a perder pertences luxuosos e sua própria casa.

Apesar de ter acumulado uma fortuna devido seu sucesso na Holanda e também internacional, Rembrandt findou seus dias na pobreza, mal avaliado devido ao realismo ter se tornado fora de moda com o surgimento do Classicismo. O artista deu ênfase a um realismo inflexível que culminou em críticas em que ele preferia a feiura ao invés da beleza.

Rembrandt morreu em 4 de outubro de 1669, aos 63 anos de idade, em Amsterdã.

Trouxemos a análise de umas de suas obras mais conhecidas, “aula de anatomia do professor Tulp”. Antes mesmo de analisarmos a obra, é preciso entendermos o contexto histórico da época em que ela foi concebida.

No Séc. XVII, a Europa vivia sob as ações da contrarreforma da Igreja católica. Sobre esta óptica, os ditos Países Baixos estavam sob influência majoritariamente da Igreja Protestante, isto justifica a liberdade para uma obra onde há um cadáver.



Aula de Anatomia do Professor Nicolaes Tulp

Artista: Rembrandt
Dimensões: 169,5x216,5
Criação: 1632
Material: óleo sobre tela

Casa Maurício de Nassau-Haia

O autor utilizou a técnica claro-escuro, há uma perspectiva linear, as roupas e adornos remetem ao século XVII, qualificando o período como Alto Renascimento do Norte Europeu.

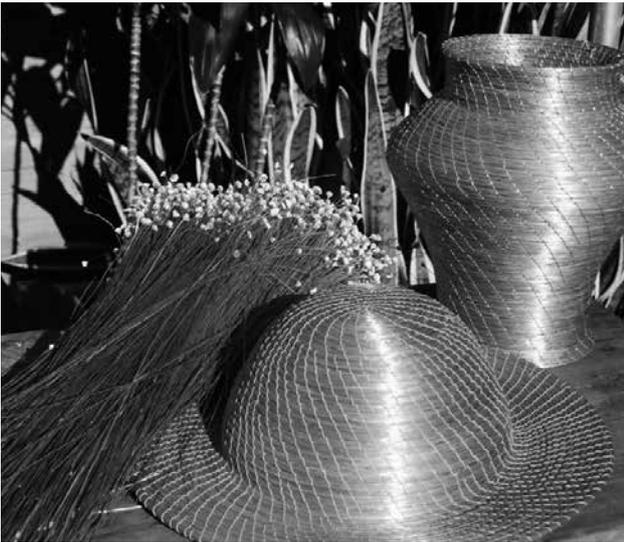
Em cima da cabeça de cada figurante da obra há um número, na parede posterior há um quadro de avisos da suposta sala de anatomia. Encontra-se neste quadro a legenda desses números com o nome de cada elemento do quadro, sendo o número 1 o Professor, abaixo dessa legenda se encontra a assinatura do autor e o ano em que foi concebida. Portanto, o quadro não possui assinatura em local habitual.

O Professor é o único elemento que está de chapéu na obra, isso é para diferenciá-lo dos alunos, seria análogo a uma cátedra. A disposição geográfica e direção dos olhares dos elementos da obra realçam o grau de atenção na explicação do professor.

O livro que se encontra no canto inferior esquerdo da obra é o “*Humani Corporis Fabrica*” de Andrea Vesalius, referência para a época. O cadáver era de Adrien Adriensz executado devido a um latrocínio.

Observa-se uma sombra nos olhos do cadáver que significa a morte, o contraste entre a palidez do cadáver e o restante da obra retratam a dualidade entre a vida e a morte. Os requintes anatômicos do cadáver revelam a genialidade do autor.

Se traçarmos uma linha imaginária em um plano transversal partindo da mão direita do cadáver, veremos que o membro superior esquerdo do cadáver está mais abaixo que o direito. Isso pode ser explicado pelo fato do Professor ter colocado um membro superior esquerdo previamente dissecado sobre o membro do cadáver e neste membro, temos um erro de anatomia, pois os tendões dos músculos flexores comuns dos dedos da mão se inserem no côndilo medial e não lateral como está na obra.



CAPIM DOURADO

Domingas Santana dos Reis¹

*“Meu capim, meu capim dourado
que nasceu no campo sem ser semeado
Foi meu amor que me disse assim
que a flor do campo é o meu capim
Capim Dourado, Ouro do Jalapão
É cultura riquíssima do Tocantins”*

O Capim Dourado é nativo do Estado do Tocantins e pode ser considerado símbolo do Estado.

Mumbuca é uma das comunidades mais famosas da região. Localizada no Jalapão, no leste do Tocantins, no município de Mateiros, onde vivem cerca de 46 famílias, com aproximadamente 100 pessoas no total, sendo elas descendentes de quilombolas e indígenas.

Bem douradinho, sequinho e com aquele brilho maravilhoso de se encantar. O brilho do Capim Dourado atrai os turistas. A fama da planta chama atenção pela sua cor, o artesanato do Capim Dourado, que ganhou fama no início da década de 90 até hoje percorre o mundo afora.

O Capim nativo não é semeado, é colhido apenas uma vez no ano de setembro a novembro. O mês de setembro é o tempo mais esperado pelo povo de Mumbuca, todos os anos a colheita do Capim Dourado começa com uma festa no dia 20 do referido mês, esse é o período em que o capim está em fase de amadurecimento. E nesta festa da colheita são encontradas diversas apresentações de danças e rodas de conversas, tudo isso para comemorar o mês da colheita do Capim Dourado.

Para colher o Capim, é preciso estar cadastrado em uma das associações do Parque Estadual do Jalapão, onde cerca de 800 pessoas têm autorização para fazer a colheita.

E hoje no Jalapão os designers das peças do Capim Dourado incorporam a seda feita do talo do buriti, não só na costura, mas também como parte da peça dos artesanatos.

Em algumas comunidades, os trabalhos são divididos; alguns vão na busca da colheita do capim e também da seda do buriti (linha da costura) outros ficam responsáveis pela parte da produção do artesanato.

Com o capim é possível fazer várias peças: bijuterias, bolsas, utensílios, decoração, relógios entre outros objetos. Graças a essas produções de materiais, é que as famílias das comunidades conseguem sobreviver.

O Capim Dourado representa uma cultura tocantinense que é passada de geração a geração.

REFERÊNCIAS

BISORDI, Isabela. Capim dourado e comunidades quilombolas: O verdadeiro “ouro” do Jalapão. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/capim-dourado-e-comunidades-quilombolas-o-verdadeiro-ouro-do-jalapao.phtml>. Acesso em: 17 de abril de 2021

Ouro do Jalapão, capim dourado gera emprego e renda. 2019. Disponível em: <https://folhadojalapao.com.br/ouro-do-jalapao-capim-dourado-gera-emprego-e-renda/>. Acesso em: 15 de abril de 2021

CURIOSIDADES LITERÁRIAS



Em 1910, após concluir o ensino fundamental na Escola Municipal Estácio de Sá, Cecília Meireles ganhou do inspetor escolar, Olavo Bilac, o prêmio de reconhecimento pelo seu esforço e desempenho. Recebeu, mais tarde, em 1938, o prêmio Olavo Bilac, pelo seu livro *Viagem*, concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Euclides da Cunha, o autor de “Os Sertões” foi assassinado pelo amante de sua própria esposa. Segundo relatos históricos, Euclides era um homem muito focado em trabalho e deixava de lado sua vida familiar. A sua esposa decidiu sair de casa e engatar um relacionamento com outro homem. Euclides, inconformado, pegou uma arma e foi à casa do sujeito, que acabou o matando. Anos mais tarde, o filho do escritor tentaria vingar a morte, mas também foi assassinado pelo mesmo homem.



O escritor Oswald de Andrade, casado com a pintora Tarsila do Amaral, traiu a esposa com a escritora Patrícia Galvão, a Pagu, que acabou engravidando. Para manter as aparências, a jovem se casou com outro homem. No entanto, em plena lua de mel, deixou seu recém-marido e fugiu com o modernista. Em 5 de janeiro de 1930, Oswald e Pagu protagonizaram um dos casamentos mais bizarros de nossas Letras. Diante do túmulo da família Andrade, os dois trocaram alianças para registrar a união simbólica perante os antepassados do noivo.

O primeiro manuscrito de *Ratos e Homens* foi literalmente comido por Toby, cachorro de John Steinbeck, escritor do livro. Uma noite, ele deixou o cachorro sozinho em casa e quando voltou, este havia comido parte importante do trabalho. Steinbeck, em um telefonema com seu agente, disse: “eu fiquei bem irritado, mas o pobrezinho deve ter feito isso em um momento crítico”.



EDIÇÕES ANTERIORES





ISBN: 978-65-00-20434-6

CD



9 786500 204346